Prot. N. 00800/16

Curia Generalis
Fratrum Minorum
Capuccinorum

São Francisco de Assis:

um homem transformado em oração

Carta do Ministro Geral dos Frades Menores Capuchinhos

A todos os frades da Ordem
Às irmãs Clarissas Capuchinhas

1. Uma partilha amadurecida no meu serviço em seu meio

Irmãos caríssimos,

Dirijo-me a vocês com esta carta, na qual desejo compartilhar algumas reflexões sobre a oração. Escrevo movido por um pensamento que me acompanha há muito tempo e que me encoraja a encarar uma situação que, junto com os irmãos Conselheiros Gerais, encontro nas visitas às Circunscrições de nossa Ordem: a fadiga em praticar a oração. Estou certo de que todos concordamos em afirmar a nós mesmos, como também em comunicar às pessoas que encontramos em nosso ministério e em nosso trabalho, que a oração é elemento central na vida de todo batizado e, de modo particular, na experiência de uma pessoa que abraçou a vida religiosa; mas a realidade não confirma esta relevância. Esclareço que não acrescentarei nada aos tratados e manuais sobre a oração; a produção sobre o tema é rica e abundante. Peço-lhes para acompanhar a leitura deste meu escrito lendo o capítulo III das nossas Constituições, onde encontrarão uma síntese bela e profunda, radicada nos valores próprios da tradição Franciscana Capuchinha.

No dia 2 de julho de 2016, o Papa Francisco, agradecendo-me pelo presente oferecido pela festa de São Pedro por parte da nossa Cúria Geral, escreveu as seguintes palavras: "A oração, como humilde confiança a Deus e à sua vontade, é sempre o caminho para sair de nossos fechamentos pessoais e comunitários. É a grande estrada para abrir-se ao Evangelho e testemunhar a esperança com o entusiasmo dos discípulos fiéis a Jesus".

Qual é, portanto, a intenção desta carta? Desejo suscitar em cada um de vocês uma revisão sobre a relação com Deus; não na teoria das ideias, mas na concretude do cotidiano. A fragilidade, as fadigas, não se encontram tanto nas convicções sobre a oração, mas principalmente na prática diária. As fontes franciscanas narram o grito

doloroso de São Francisco "o Amor não é amado". Quanto a mim, eu diria: "A oração não é amada, é pouco vivida e praticada!"

2. "Pular" a oração

O nosso dia a dia é pautado por momentos dedicados à oração, ao trabalho, às refeições feitas juntos, à recreação e ao repouso. A marcha do tempo e dos nossos dias procede na adesão aos ritmos e às atividades vividas nas nossas fraternidades. É importante que nenhum deles seja negligenciado, mas nem mesmo enfatizado desproporcionalmente. Os ritmos e as atividades do nosso dia a dia deveriam nos ajudar a viver um equilíbrio são entre os vários momentos. A experiência, contudo, frequentemente atesta que somos levados a cumprir transgressões: e, primeira entre estas, é o "pular" tanto a oração mental quanto a comunitária. Com facilidade, a atividade pastoral, com todos os seus compromissos, a convivência com amigos e o uso dos meios de comunicação tornam-se motivos para dispensar-nos da oração comunitária; não hesito em afirmar que este tipo de comportamento esteja aumentando notavelmente nas nossas fraternidades. Sou convicto de que, quando a transgressão se torna hábito, a consciência da nossa pertença ao Senhor na vida consagrada se torna fraca. É verdade: não apenas rezando se honra e se ama a Deus. A nossa relação com Ele é constituída pela vida evangélica, pela caridade, pela doação de si no trabalho ao qual somos chamados a cumprir; mas, se faltarem os tempos do louvor, do agradecimento e do silêncio em sua presença, a relação esfria e as motivações do nosso agir se enfraquecem. Surge o perigo de buscar a si mesmos, preocupados em primeiro lugar em gratificar as nossas expectativas. Quando a relação com Deus se torna fraca, e ela não é mais a referência fundamental da nossa existência, corremos o risco de viver na hipocrisia de quem, professando ser um religioso, um consagrado, encontra-se por viver uma dinâmica de vida contrária a este nome. Ponhamo-nos juntos uma pergunta que tiro do capítulo 10,38-42 do evangelho de Lucas, e que transcrevo aqui por extenso: "Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e escutava a sua palavra. Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres. Ela aproximou-se e disse: 'Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha, com todo o serviço? Manda que ela me venha ajudar!' O Senhor, porém, lhe respondeu: 'Marta, Marta! Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas. Porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada'". Nós, o que escolhemos? "A tradição capuchinha também, propondo-se desde o início seguir o exemplo ora de Marta, ora de Maria, nos ensina a conciliar com sabedoria e harmonicamente a contemplação e a ação" (Const. 15, 4).

3. Juntos à presença de Deus

Oramos verdadeiramente como irmãos quando nos reunimos em nome de Cristo, em mútua caridade, de modo que o Senhor esteja realmente no meio de nós (Const. 46,2). As nossas Constituições apresentam a oração vivida juntos como aspecto significativo da nossa identidade. A nossa fraternidade existe porque é convocada por um Pai que nos torna irmãos. Esta paternidade gera vínculos novos que superam os do sangue, das afinidades, das simpatias, das pertenças étnicas e geográficas. Somos convocados a pronunciar o nosso "eis-me aqui" a Deus, Pai do Senhor nosso Jesus Cristo, que nos chama à comunhão com Ele. O VIII CPO, na proposição n. 17, reafirmou de modo inequívoco: "A busca da união com Deus é o primeiro trabalho dos frades. Os tempos da oração fraterna não são um modo para negligenciar as nossas atividades de trabalho e pastorais, ou uma fuga das fadigas humanas do trabalho, mas um serviço derivante

do nosso estado de vida de consagrados. Por isso, nenhum frade se autodispense do dever primário da oração litúrgica e da oração mental, consciente de que quando reza, intercede 'em favor de todos os seres humanos' (Const. 49,1)". Quando celebramos a Liturgia das Horas, manifestamos seja nossa pertença a Deus, seja a comunhão que ela gera. Pertencemos ao Povo de Deus, que vive e é mantido vivo pela ação contínua e fiel do Espírito Santo. Frequentemente, façamos a memória destes conteúdos da nossa vida de fé, capaz de remotivar e renovar a nossa relação com Deus na oração.

4. Tradição e criatividade

A oração fraterna merece cuidado e preparação. Todos nós apreciamos se, durante um momento de festa, aniversário, natalício, onomástico, aparecem sinais que manifestam a alegria e o júbilo: um presente, as flores, um almoço especialmente organizado ou algo oferecido ao festejado. Muitas vezes, ao contrário, a nossa oração comum é marcada pela monotonia, pela pressa, quase que o objetivo seja apenas o de cumprir uma obrigação. Frequentemente, as tentativas de introduzir alguma modalidade celebrativa na recitação dos salmos são mortificadas e rejeitadas. A animação sóbria e criativa da oração favorece a prática da oração comum, move-nos da rotina, talvez nos torne mais atentos a participar do que estamos cumprindo. Por que não permitir, além do mais, que de vez em quando haja espaço para a espontaneidade sugerida pelo Espírito? O dever de rezar juntos permanece um elemento essencial da nossa vida religiosa, mas não pode ser a única razão da nossa oração. Pergunto a cada um de vocês e às suas fraternidades: quando foi a última vez que, em um Capítulo local, vocês dedicaram espaço para abordar sobre a vida de oração da fraternidade e sobre a celebração da Eucaristia com os fiéis que frequentam as nossas igrejas?

5. A Eucaristia celebrada em fraternidade

Percebo com alegria que, em algumas Circunscrições da Ordem, introduziu-se o costume de dedicar um dia da semana à fraternidade. Os frades se encontram para retiros mensais, capítulos locais, estudo e

aprofundamento de vários documentos, momentos de formação permanente. É muito bonito e significativo que, nesses dias, os frades celebrem juntos a Eucaristia. Reunidos ao redor do altar, afirmamos e testemunhamos reciprocamente que Jesus Cristo é a "pedra angular" do nosso estar juntos como irmãos. A Eucaristia nos recorda que precisamos ser perdoados; perdoarmo-nos uns aos outros; que há uma Palavra a ser acolhida e vivida; que há uma existência a ser oferecida e doada, assim como fez Aquele que nos doa o seu Corpo e o seu Sangue. Irmãos, convido-os todos, ao menos uma vez por semana, a celebrar a Eucaristia juntos em suas fraternidades. Posso testemunhar que os fiéis que frequentam os nossos conventos e as nossas igrejas ficam admirados e edificados ao ver que os frades dedicam tempo para cultivar as relações fraternas e viver de modo autêntico e concreto a experiência da vida fraterna com momentos de oração abertos a todos. As nossas Constituições assim nos solicitam: "em todas nossas casas celebre-se cada dia uma missa da fraternidade. Se isso não for possível, celebre-se com frequência a Eucaristia com a participação de todos os frades" (48,2).

6. Um silêncio cheio da sua presença

Juntamente com a Eucaristia, com a celebração do Ofício Divino, a oração dos nossos frades tem se alimentado por muitos séculos com a oração mental, constituída por tempos prolongados de silêncio. As nossas origens estão enraizadas na vida eremítica, e muitos dos nossos irmãos se distinguiram por uma edificante vida mística e pela composição de manuais e tratados relacionados à vida de oração. No número 54,1 das Constituições, lemos: "Preservemos e promovamos aquele

espírito contemplativo que brilha na vida de São Francisco e de nossos antigos frades. Dediquemos a isso um maior tempo, cultivando a oração mental". Prosseguindo a leitura do n. 54, no parágrafo 4, encontramos escrito: "E para que não se arrefeça em nós o espírito de oração, mas antes se afervore cada vez mais, devemos dedicar-nos a esse exercício todos os dias". Esta afirmação se torna mais explícita e concreta no n. 55,2: "Todo frade, onde quer que esteja, reserve diariamente o tempo suficiente para a oração mental, por exemplo, uma hora inteira". Em muitas de nossas fraternidades, o horário prevê que esta hora seja dividida em dois momentos, um pela manhã e outro ao entardecer. Infelizmente, há quem deserta tanto a primeira quanto a segunda.

Devo constatar, com tristeza, que a oração mental tornou-se frágil e pouco praticada em nossas fraternidades, e está perdendo a significatividade e importância que ela representa em relação à nossa identidade. Estar juntos em silêncio à presença de Deus, no início e no fim do nosso dia, não apenas sustenta nossa vida de fé, mas é um sinal eloquente do nosso ser irmãos, que talvez vivam conflitos, fadigas e incompreensões, mas estão aí juntos, no coro ou nas nossas capelas. Rezando silenciosamente juntos, testemunhamo-nos reciprocamente que o que nos mantém juntos é o Senhor. Pedimos ao Espírito Santo que, através da nossa oração, dê-nos um olhar interior voltado constantemente a Deus. A pessoa que reza, que é capaz de silêncio, assume um olhar benevolente, misericordioso para com todas as realidades que a circundam. O VII CPO afirma: "O ermo, que para os primeiros capuchinhos se situava nos limites da cidade, não é um lugar para afastar o olhar da realidade, mas para se ter uma visão mais ampla da mesma, contemplada a partir de Deus e dos pobres"[1].

7. O homem transformado em oração2

Tomás de Celano descreve, com uma imagem sugestiva, a oração de São Francisco: "Transformado não só em orante mas na própria

oração" (2Cel 95,5). O que nos diz esta imagem? É algo que pertence à edificante história de um santo ou é capaz de suscitar em nós o desejo de viver uma relação profunda e filial com o Deus vivo e verdadeiro? Compartilho com vocês uma afirmação, simples, mas, ao mesmo tempo, profunda, de um santo monge do Monte Athos: "A oração é dada a quem ora!" Quem reza com humildade e fidelidade dá-se conta de que "o estar a sós com Ele" não é mais uma busca fundada sobre o próprio esforço, mas é o bom alimento do próprio cotidiano. A oração será aquele respiro do qual falam as nossas Constituições ao início do terceiro Capítulo: "A oração a Deus, como respiração de amor, nasce da moção do Espírito Santo, pela qual o homem interior se põe à escuta da voz de Deus que fala ao coração" (45,1). Este respiro de amor torna-se sempre mais puro e autêntico se é apoiado pela fidelidade diária. Lembro-me de ter lido um livro de um jovem rabino, o qual dizia que todo dia ficava uma hora em silêncio diante de Deus. Com o tempo, percebeu que não podia

[1] Nº 31

[2] Em relação a como rezava São Francisco, gostaria de indicar o livro do nosso confrade Raffaele Ruffo, *«Non voglio essere ladro» Francesco d'Assisi e la restituzione dei beni ("Não quero ser um ladrão", Francisco de Assis e a restituição dos bens*, em tradução livre), Bologna EDB 2015.

mais ficar sem fazê-lo, o silêncio orante não era mais uma fadiga, mas um momento aguardado.

8. A Palavra de Deus

De São Francisco, foram-nos transmitidos inúmeros escritos e, em particular, também o Ofício da Paixão do Senhor[3]. Em todos, e sobretudo neste último, tocamos com as mãos quão profunda familiaridade o Santo tinha com a Palavra de Deus. Ele a tinha lido, meditado, mastigado e feito sua, de modo que podia citá-la como queria e recorrer a ela a todo instante. Este é um convite para todos nós, para cultivarmos, seja individual ou comunitariamente, a lectio divina. Onde se introduziu, em fraternidade, um tempo de escuta e confronto comum sobre a Palavra de Deus, nota-se como se torna mais fácil nos ocuparmos também de temas espirituais, sobre o que alimenta a vida espiritual de cada um de nós.

9. Deus é novo a cada dia

Confessemos: da oração, esperamos sempre um fruto sensível, perceptível imediatamente. Este é um desejo santo, próprio do fiel que aspira perceber a proximidade de seu Deus. Contudo, há dias, meses e anos em que não acontece nada, você está sentado no coro e se pergunta: "o que estou fazendo aqui?", e se responde: "vou fazer outra coisa, vou ler um livro, continuo a preparar a homilia". Vivemos na sociedade das emoções, é verdade: e o que me emociona, considera-se ser altamente significativo! Também na vida de oração, após termos vivido fortes experiências, nas quais percebemos com clareza a beleza de estar com o Senhor, nasce o desejo de que esta percepção dure sempre. Mas não é assim. Acredito que esta situação possa pertencer à experiência daquele "sem nada de próprio" que nos torna livres diante do que aconteceu, e continuamente nos abre à novidade de Deus. Alguém afirmou que Deus é novo a cada dia. Somos chamados a nos deixar moldar pelo Espírito, que nos dispõe ao encontro sempre novo com Ele; e, nesta novidade, há espaço também para a aridez e a fadiga em rezar. Caro irmão, nos dias em que, enquanto reza, os pensamentos voam, a mente e o coração estão explorando lembranças ou programando o que tiver que fazer em algumas horas, não fuja; permaneça aí, com seu corpo, busque a proteção do braço da "irmã fidelidade", permaneça como pode diante do seu Senhor. Se nos detemos em fazer comparações com experiências de luz e de consolação vividas no passado, não podemos degustar a novidade do hoje e da fidelidade em estar com Deus, uma vez que Ele é novidade oculta, mas altamente educativa. A oração se torna profunda quando cresce a liberdade interior. Não somos mais determinados pelo êxito ou pelo tom de nossos sentimentos, mas somos livres para acolher o que Deus prepara para nós. Somos chamados a avançar; a não ter medo de nos medirmos com as águas profundas e escuras da noite, talvez fazendo a mesma experiência de Pedro, que, tomado pelo cansaço e temor, enquanto as águas estavam submergindo-o, não faz outra coisa senão gritar: "Senhor, salva-me!". É comovente pensar na mão forte de Jesus, que o segura e o coloca em comunhão Consigo. Estar com Jesus na oração é uma bela e santa aventura, plena de paixão e coragem. Seria um verdadeiro pecado nos fecharmos a este caminho. Irmão, caso você tenha interrompido este caminho, retome-o com confiança! Peço-lhe, além disso, de não ler estas palavras como piedosa exortação, pois saiba que seu Ministro Geral não tem outros meios à disposição senão pedir-lhe, convidá-lo, suplicar-lhe; o resto é confiado à sua liberdade, à sua capacidade de amar. Esteja consciente de uma coisa, quando lhe peço: "irmão, esteja com Deus na oração", eu realmente o quero bem, assim como a todos os que fizerem da mesma maneira.

10. O claustro

Peço agora sua atenção também para um aspecto arquitetônico que caracteriza a maior parte dos nossos conventos capuchinhos tradicionais: o claustro. No mundo monástico,

[3] Cf. OfP.

ele representa o universo físico e espiritual do monge; é o lugar do encontro com Deus criador e redentor, mas também lugar do silêncio como disposição e condição indispensável ao diálogo com Deus. Penso que todos nós já visitamos alguma abadia com um claustro majestoso, a sua colunata, os afrescos, os canteiros de flores cultivados e a fonte ao centro. Nós, Capuchinhos, mesmo não sendo monges, mantivemos o claustro ao centro do convento, mas o reduzimos ao essencial. Faltam os elementos decorativos e, no centro, normalmente há o poço. Este quadrilátero vazio não representa, talvez, de maneira rústica e forte, aquele espaço o qual cada um é chamado a criar dentro de si para Deus? A presença do poço não nos recorda, talvez, a afirmação de Jesus: "quem beber da água que eu lhe darei, esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna" (Jo 4,14)? Hoje, frequentemente as nossas casas seguem outros critérios arquitetônicos; isto é mais que compreensível, porém, jamais deveriam vir a faltar os sinais que se tornam apelos ao que queremos viver como consagrados[4].

11. O manto de São Francisco

Tomás de Celano narra que São Francisco procurava sempre um lugar escondido, onde pudesse entregar a seu Deus não só o espírito, mas cada um dos membros. Contudo, isso nem sempre lhe era possível, e então, para não ficar sem cela, fazia um pequeno abrigo com sua própria capa. Às vezes, quando estava sem capa, para não perder o maná escondido, cobria o rosto com as mangas[5]. É importante que, quando rezamos, cada um encontre seu lugar e seu tempo, mas também a postura física que mais ajude a entrar em um clima de silêncio e recolhimento. É necessário que aprendamos a alternar o tempo pessoal e comunitário de silêncio a ser dedicado à oração mental. Vem-me à mente o que fazem meus confrades no convento de Rapperswil, na Suíça, à noite, pelas Completas: recolhem-se ao redor de um círio, juntamente com as pessoas que desejam rezar com eles, para encerrar o dia com um prolongado tempo de silêncio. Neste momento, os gestos dizem bem mais do que as palavras. Visitando os confrades na França, durante o mês de

[4] Acerca das escolhas dos capuchinhos em matéria arquitetônica e seu significado, cf. Giovanni Pozzi, *Devota sobrietà. L'identità cappuccina e i suoi simboli (Devota sobriedade. A identidade capuchinha e seus símbolos*, em tradução livre), Bologna 2015, 13-26.

[5] Cf. 2Cel 94,7-9.

fevereiro passado, muito apreciei que tenham reintroduzido em cada fraternidade a prática de iniciar o dia com uma hora de silêncio, vivida juntos no coro ou no lugar destinado à oração.

12. Homens de Deus

"Quem lhe ensinou a rezar?". Falando de mim, lembro que, à noite, ajoelhado diante da cama, minha mãe me ensinou a rezar, enquanto que meu pai me levava à igreja, e a recordação mais viva que tenho é dele, quando vivi certos momentos fascinantes da liturgia da Semana Santa: eu não compreendia nada e, mesmo assim, sentia-me profundamente tocado pelo que acontecia no altar e pelos cantos da assembleia. Não sei se nas famílias cristãs se continua a ensinar a rezar desde a mais tenra idade, mas acredito até que sejam muitos os cristãos que não sabem rezar por ninguém os ensinou. Se penso no grande bem que fez nosso confrade Ignacio Larrañaga[6] ensinando a tantas pessoas a rezar, de modo sistemático e ordenado, compreendo que existe um grande desejo de oração, de relação com Deus e, de consequência, de pessoas que possam introduzir e acompanhar. Sou convicto de que também a nós isto é pedido. Muitas pessoas nos pedem para "sermos homens de Deus" antes de sermos especialistas nas diversas disciplinas humanas e teológicas. As nossas fraternidades deveriam se tornar verdadeiras escolas de oração propriamente ditas. É importante compartilhar a nossa oração com o povo. A nossa pastoral deve se tornar um guiar as pessoas nos caminhos da contemplação. Somos chamados a ser homens de Deus, como foram os nossos santos, que encarnavam as Bem-aventuranças do Sermão da Montanha e eram operosos na caridade. Mas o que sempre emerge, como constante incontestável da existência deles, é a relação vivida com o Senhor na oração. Asseguro-lhes que a escola dos Santos está sempre aberta, e desejo que sempre tenha alunos apaixonados.

[6] A título de exemplo, cito aqui: *Mostra-me o teu rosto. Caminho para a intimidade com Deus*, Paulinas, São Paulo 2013. Esta publicação desvela, em primeiro plano, seu caminho de oração, enquanto que *Encontro – Manual de Oração*, Loyola, São Paulo 1985, é um verdadeiro manual de oração propriamente dito.

13. Desejo-lhe que reze com fidelidade

Caríssimos irmãos, concluo aqui. Entrego esta carta a cada um de vocês e às fraternidades de nossa Ordem. Examinem-se com serenidade e na verdade; o prêmio em jogo é valioso: é a nossa relação com Aquele que nos ama e usa de misericórdia para conosco. Sou muito direto: irmão, é questão de fidelidade. Leve seu corpo, toda a sua pessoa, seus sentimentos, diante de Deus a cada dia, e depois esteja certo de que, com o seu "eis-me aqui", às vezes um tanto cansado e sonolento, Ele levará a cumprimento a boa obra que iniciou em você. Cessemos os debates sobre a oração, vivamo-la e pratiquemo-la!

Espero justamente que esta minha carta os ajude; conversem sobre ela, sem procurar motivos para apontar o dedo uns aos outros. A cada um de vocês, meus irmãos, desejo o dom de uma oração cada vez mais profunda, e eu, como posso, rezarei para isto, mas vocês também, continuem a rezar por mim!

Ouso rezar para que o seu coração de consagrados possa perceber e dizer com Francisco: "Vós sois toda nossa riqueza e satisfação: vós sois toda doçura nossa!" (LDA 4;6).

Envio a todos fraternas saudações!

4 de outubro de 2016
Solenidade do Seráfico Pai São Francisco

Frei Mauro Jöhri
Ministro Geral OFMCap.

© COMUNICAZIONI OFMCAP ROMAMMXV